

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Desconstruindo

Paulo Freire



Copyright © 2020 Brasil Paralelo  
*Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo*

**Editor Responsável:** Equipe Brasil Paralelo  
**Revisão ortográfica e gramatical:** Equipe Brasil Paralelo  
**Projeto de capa:** Equipe Brasil Paralelo  
**Produção editorial:** Equipe Brasil Paralelo

---

Giulliano, Thomas

Desconstruindo Paulo Freire  
ISBN:

1. Educação 2. Desconstrução 3. Patrono 4. Brasil

CDD 370

---

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.  
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

[www.brasilparalelo.com.br](http://www.brasilparalelo.com.br)

[contato@brasilparalelo.com.br](mailto:contato@brasilparalelo.com.br)

## **SINOPSE**

Paulo Freire foi nomeado, em 2012, por Dilma Rousseff, Patrono da Educação Brasileira. Esse acontecimento, no entanto, não tomou corpo repentinamente em nossa história. Entender como isso ocorreu depende de nossa compreensão de fragmentos da teoria marxista e da influência que esses pensamentos exerceram em Paulo Freire. Mais do que isso, necessita que entendemos como um aparelho de Estado, fértil a instrumentalização, foi gestado durante décadas em nosso país.

## **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

Ao final desse e-book, pretende-se que você saiba: quem foi Paulo Freire; a relação de sua pedagogia sociológica com Marx; as acontecimentos históricos que permitiram sua ascensão a Patrono da Educação brasileira.

## **MARX: UMA BASE PARA FREIRE**

Para estudarmos adequadamente Paulo Freire, e sejamos capazes de compreender sua linha pedagógica, exige-se que, antes, assentemos alguns conhecimentos preambulares. Dentre estes, uma explicação acerca do que é o marxismo e a compreensão da distinção entre o jovem Marx e o Marx de “O Capital”.

## **As dinâmicas da história**

De acordo com o historiador Christopher Dawson, existem algumas dinâmicas da história. Para este, a maior delas foi a religião. Para Marx, a maior dinâmica da história foi a produção. Para que essa concepção fique mais clara, pensemos no homem primitivo. Ele está dentro de uma caverna e começa seu processo de expansão. E essa religião serve, por exemplo, para fornecer explicações climáticas. Simultaneamente, a produção dialoga com a ascensão da agricultura, dos meios produtivos. E, dentro desse processo, temos a ordem civilizacional. Portanto, temos duas linhas diferentes: a linha que afirma ser a religião a maior dinâmica civilizacional<sup>1</sup> e há a ordem produtiva com o desenvolvimento, principalmente, da agricultura. Isto é

---

<sup>1</sup> Há homens de diferentes escolas historiográficas que trabalharam com essas perspectiva. Eu apenas recortei Christopher Dawson, o qual, inclusive, tem um livro chamado “Dinâmicas da história do mundo”.

fundamental para que possamos compreender o itinerário filosófico do marxismo e, por consequência, o de Paulo Freire.

Se a produção está no princípio do desenvolvimento humano, logo, corresponde à gênese do homem. Para compreender, por exemplo, o que é o homem em 2018, é necessário retroceder e chegar na sua dinâmica fundante que, repito, para Marx, é a produção. E, conseqüentemente, também o é para Paulo Freire. Se a produção corresponde à dinâmica do homem, ignoram-se questões metafísicas atemporais inescapáveis como, por exemplo, o mal.

Santo Agostinho afirma que somos passíveis das piores iniquidades. Todos, dentro de seus mais variados convívios, conheceram pessoas com diferentes maneiras de lidar com os mais variados assuntos. Como Nelson Rodrigues ensina: “conhecer um canalha é inescapável”. E é justamente no mal em nível do canalha que vamos pensar. Se eu entendo que a produção corresponde à dinâmica de desenvolvimento do homem, coloco-a como a dinâmica que explica a própria presença do mal.

Se, para Santo Agostinho, o mal é inescapável, está entranhado na gênese do homem a partir da queda do paraíso, para Marx, o mal é explicado por causa da ordem da alienada produção. Ou seja, não existe o mal inato, existe o mal dinamizado.

Uma vez que o mal é explicado historicamente por um processo de desenvolvimento em que a economia, agricultura, produção, enfim, todas as dinâmicas e escalas econômicas explicam a sua própria existência, é preciso entender qual é a gênese filosófica dentro da história do entendimento de produção, e por isto é fundamental a separação entre o jovem Marx e o Marx de “O Capital”.

Conforme nos ensina Raymond Aron, em uma definição da qual gosto muito, Marx é um autor que pode ser entendido em cinco minutos, cinco anos ou cinquenta anos de estudo. Podemos, por exemplo, abordar a conhecida luta de classes. É possível explicá-la em cinco minutos. Para o senso comum, a luta de classes é a definição fundante do Marxismo e este se estabelece dentro dessa premissa. No entanto, o marxismo, enquanto desenvolvimento filosófico, é algo muito mais robusto que isso. Se o comunismo fosse fácil de ser estudado, Olavo de Carvalho não teria sua icônica foto com uma biblioteca acerca do tema. Ou seja, o comunismo não pode ser, pura e simplesmente, reduzido à luta de classes. Raymond Aron, por exemplo, estudou o marxismo por mais de trinta anos e considera-se, em muitos recortes, uma pessoa incapaz de grandes desenvolvimentos intelectuais sobre o assunto. Contudo,

é verdade que, a luta de classes, isoladamente, pode ser explicada em cinco minutos. Ela é simples e dialoga, essencialmente, com essa marcha produtiva a qual eu explicava anteriormente, que é uma das dinâmicas da história segundo a base do homem.

Prossigamos. Sabemos que o homem se desenvolveu com a presença da religião e também tem, como relação de seu desenvolvimento, o processo produtivo. Consequentemente, afirmar que a produção fez, faz e fará parte do desenvolvimento do homem, na sua relação social, não é uma afirmação errada. O erro está na forma como essa definição foi sobreposta. Neste sentido, a luta de classes dialoga com essa dinâmica de produção e com a historicidade.

### **O histórico e o historiográfico**

Importante: é preciso distinguir o que é o histórico e o que é o historiográfico. São conceitos diferentes. O histórico é o fato em si. Por exemplo: hoje, você está lendo esse e-book. Na sua realidade, hoje é um fato histórico. Nós somos agentes da história. Isso não está errado. Pensamos na teologia da história. Quando morreremos, na definição católica de Santo Agostinho, Deus irá nos receber pelo nosso nome. Ou seja, nós somos agentes criados dentro da história. Esse é o fato histórico. Fazemos parte da nossa vida, das nossas intimidades, relacionamentos, temos o nosso marido, esposa, amigos, afetos, objetos de estudo, etc.. A historiografia é a produção em cima do fato histórico. A Brasil Paralelo, por exemplo, é um fato histórico na história brasileira. A historiografia poderia escolher a Brasil Paralelo como seu objeto de investigação e produzir a história da Brasil Paralelo. Mais dois exemplos para a diferença entre histórico e historiografia ficar mais clara: a série Brasil - A Última Cruzada é historiografia em forma de tela. A Brasil Paralelo é história. O livro "Desconstruindo Paulo Freire", enquanto livro isolado, é história, enquanto objeto que analisa, é historiografia.

### **A luta de classes e a dialética de Marx**

A luta de classes dialoga com o histórico, tanto é que, no próprio "Manifesto Comunista", Marx faz toda uma relação com tempos históricos diferentes. Se a produção é o preâmbulo fundante do desenvolvimento do homem, explica a alienação. Esta alienação materializa-se na luta de classes. Uma equação simples. Só que a luta de classes, quando explicada objetivamente, a partir do maniqueísmo

ou da dialética, palavra importante na filosofia de Marx, entendo-a como um princípio germinal da própria história. Isto pertence ao chamado jovem Marx, em que a alienação é uma palavra importante para sua constituição filosófica.

A dialética marxista é outro ponto fundamental. De forma simplificada, a dialética são contradições (bem X mal). Essas contradições são explicadas pela produção. Como mencionei, diferentemente de Santo Agostinho, para Marx, o mal se explica na própria história e não de maneira preambular à existência do homem. Ou seja, a dialética é histórica e não é necessariamente historiográfica. É histórica, está na realidade, e se explica pela produção. A produção gera o conflito entre classes que se fundamenta pela alienação. E a alienação explica o desenvolvimento dessa dialética em outros fatos históricos ao longo da história humana.

Chega-se na Revolução Industrial, de onde Marx extrai o suco de sua sociologia. Marx percorre esse itinerário intelectual e histórico. Existem as mais variadas contradições dentro da história humana e elas são, de fato, presentes na própria realidade. Marx compreendeu que era possível, a partir dessas contradições, explicar o todo.

Como ele chegou a isso? Graças à sua experiência de aluno, de discípulo, direto e indireto, de Hegel. Hegel foi um filósofo que, para o que nos interessa nessa exposição, totaliza o objeto das explicações. Ele consegue apresentar um recorte que explica o todo do homem. Marx discorda do que Hegel totaliza. Porém, ele acha assertivo o fato de que existe algo que apresenta o todo. Para Hegel, no que nos interessa, esse todo é o Estado. Para Marx, este todo é a alienação. Se a produção fez o homem se desenvolver, e este desenvolvimento do homem promoveu uma dialética, logo, o problema do homem está na ordem produtiva. Ou seja, para explicar aquilo que é inescapável de nossa realidade, tal como o bem e o mal, é preciso entender qual sua origem. E a origem de ambos, para Marx, está na alienação do processo de desenvolvimento produtivo, de uma maneira atemporal.

Por isso que, por exemplo, Ossaia Burning acusou Marx de ser um messias, pois este foi na gênese do homem e apresentou qual a solução para o inescapável problema do mal. De maneira sempre histórica, dos mais variados séculos, sempre houve a presença da alienação, que se explica por causa da produção. Neste sentido, o comunismo e o socialismo são meios para que a produção seja corrigida e, com isso, a alienação seja extirpada do homem. E a alienação é não perceber o pano de fundo da produção [inaudível - perguntar para o lucas - 18:33].

Neste contexto, para Raymond Aron, em partes, o comunismo pode ser considerado uma religião. Em partes pois, é preciso lembrar que estamos tratando do jovem Marx e não podemos, evidentemente, totalizar a experiência do homem a partir de recortes sobre a sua própria linha intelectual. Se alguém recortasse, por exemplo, a vida do Thomas até 2008, eu era eleitor da Luciana Genro (PSOL). Eu não quero ser recortado apenas nisso, eu sou mais do que isso. A partir desse exemplo, Marx, que se divide entre o jovem Marx e o Marx de “O Capital”, deve ser compreendido dentro dessa fração. A ênfase que está sendo dada ao jovem Marx se deve ao fato de este ser o que fundamenta toda descendência mais conhecida, dos chamados marxianos: Paulo Freire, Foucault, Marcuse. Estes se inspiram no jovem Marx e muito menos no Marx de “O Capital”.

### **Os dois Marx**

No jovem Marx, temos o Marx filósofo da história. Ou seja, o messias do Osawa Burlington. No Marx de “O Capital”, há o Marx economista, o qual trabalha com o materialismo histórico. São objetos diferentes. “O Capital”, dependendo da edição, está organizado em três ou quatro tomos, dentre os quais, no entanto, Marx somente organizou e escreveu o primeiro, em que a palavra alienação, presente em “Ideologia Alemã” e “Crítica do Direito de Hegel”, sequer aparece. É possível encontrá-la apenas através de sinônimos, sendo, um deles, desconstrução. O nome do livro “Desconstruindo Paulo Freire” é uma provocação a Marx, a Derrida. Se dois dos três tomos de “O Capital” foram organizados por Engels, temos que analisá-lo levando em consideração que Marx não aquiesceu a seu conteúdo. Ao estudar qualquer objeto, simpático ou antipático às nossas linhas de pensamento, precisamos fazê-lo de uma maneira sempre intelectualmente honesta. Neste sentido, Raymond Aron exerceu um trabalho de elevada substância intelectual, uma vez que sempre estudou Marx a partir do próprio Marx. Para existir o “Desconstruindo Paulo Freire”, houve uma intenção prévia de estudar Paulo Freire a partir de Paulo Freire.

Pergunta: em que ano “O Capital” foi escrito?

Eu não recorro precisamente a data. No entanto, é uma pergunta importante, no sentido de que você precisa colocar a obra mestra de um autor dentro de uma temporalidade. O que nos interessa é que dialoga com a 2ª metade do século 19. Isso significa que estamos falando de um homem que escreveu sua teoria dentro de uma

realidade. Ou seja, Marx não tinha como compreender as dinâmicas subsequentes. Ele não previu, de forma mirabolante, a existência, por exemplo, do Facebook. Tomemos-lo como exemplo. O Facebook é uma evolução tecnológica. Se Marx de “O Capital” trabalhou mais com economia, conseqüentemente explica menos o Facebook. Para utilizar, de uma maneira revigorada, o pensamento de Marx, é preciso estar com o jovem Marx, pois a alienação continua, decisivamente, sendo atemporal. A economia se transformou, mas o homem continua sendo bom ou mau.

### **Jovem Marx: a inspiração**

Paulo Freire, Foucault, Pierre Bourdieu, todos se escoram no jovem Marx. Por isso, o Marx de “O Capital” não será decisivamente comentado aqui. Sua explicação é insuficiente e é enquadrada dentro da história da economia, que não é o nosso tema.

Retomemos a Revolução Francesa, preâmbulo da existência intelectual de Marx. Na Revolução Francesa, temos a ascensão de uma classe, a classe burguesa. Em “Manifesto Comunista”, Marx presta vênua histórica - e não historiográfica - ao papel exercido pela burguesia na história, pois foi uma classe revolucionária que atuou e, mais do que que isso, entrou dentro da normalidade de classes. Ou seja, ela passa a atuar de maneira decisiva, via revolução, no processo histórico. Após a Revolução Francesa, temos a presença de uma nova classe na dinâmica histórica. O pensamento de Marx está enquadrado porque valoriza o papel da revolução.

Podemos sintetizar o pensamento do jovem Marx a partir de três premissas: alienação, revolução e produção. Revolução como fato histórico que se comprovou no tempo. Alienação como algo que se explica a partir da produção, preâmbulo fundante do próprio homem. Se a burguesia participou ativamente da história, transformando o processo produtivo do homem, conseqüentemente, a partir desse trabalho, é preciso entrar especificamente no maior contingente populacional, que necessariamente é a massa de trabalho, na visão de Marx. Proletários é um conceito que utilizou em outra esfera. Peguemos somente a massa alienada, a sociedade civil. Para o jovem Marx, as relações afetivas também se explicariam a partir do processo de produção. Assim, não há necessariamente um vínculo humano que não se explique por causa da alienação. Tudo isso que eu estou falando é fundamental. Eu estou recortando Marx para o que nos interessa em Paulo Freire.



Em síntese, não há afeto sem explicação decisiva da presença da alienação. Por exemplo: uma pessoa gosta da outra porque tem simetrias de classe. Não necessariamente uma gosta da outra. Nós somos voltados a uma experiência humana em que a classe explica a ordem dos afetos. Se existem três processos decisivos para a explicação do homem no jovem Marx, eu preciso entendê-lo, como estamos fazendo aqui, para poder chegar nas linhas interpretativas de Marx.

### **Marxianos, Marxistas e Marxólogos**

Anteriormente, utilizei a expressão marxianos, que eu gosto muito, a qual foi cunhada por Raymond Aron, para mim, o maior marxólogo que o século 20 produziu. E o que é um marxólogo, o que é um marxiano e o que é um marxista? Para responder, faça uso da própria definição de Raymond Aron, que eu acho pedagógica. O marxólogo é aquele que estuda o pensamento de Marx. Exemplo: Antônio Paim, Olavo de Carvalho, Raymond Aron. São marxólogos. Estudam o pensamento. O marxiano estuda e acredita nas teorias de Marx. O marxista estuda, acredita e atua. Utilizamos, de maneira coloquial, a expressão marxista indiscriminadamente. De acordo com a definição de Raymond Aron, estamos errados, pois marxista pertence especificamente a um tipo de recorte analítico do pensamento de Marx.

Paulo Freire foi um marxista e um marxiano, as duas coisas, e é preciso, dentro de sua biografia, recortá-lo também. O próprio Marx, dado momento, foi um marxista e um marxiano. Há uma acusação comum de que Marx não inventou o socialismo. De fato, Marx não o inventou, mas também nunca arrogou isto. Nelson Rodrigues tem uma máxima, e eu gosto muito de repeti-la, que diz que Marx deve ser estudado para além de seus furúnculos. Todos conhecem suas anedotas, mas e seu pensamento?

A partir do final do século 18, com a Revolução Francesa, a história do mundo se transfigura. Hoje, temos as mais variadas formas de produzir nossos meios de subsistência. Deste modo, a teoria econômica de Marx, como dito, é insuficiente. No século 20, o pensamento econômico de Marx já estava esgotado. Porém, as teorias do jovem Marx não estava esgotadas, continuando presentes, mal ou bem, na sociedade humana.

### **PAULO FREIRE**

Paulo Freire, filho direto do século 20, teve uma infância muito pobre e viveu uma realidade decisiva de desordem social, em um país que até hoje não tem

saneamento básico pleno. Muitos afirmam que Paulo Freire tem, na sua própria biografia, a síntese da desigualdade, uma palavra da qual desgosto. Pensemos: se o Lula não fosse nordestino, o messias teria um peso diferente, devido à forma como o nordeste passou a ficar excluído do processo produtivo brasileiro, empregando uma linguagem bem freireana, a partir da ascensão do sudeste e do sul.

### **Aluno: o agente de transformação**

Neste quesito, se a alienação se confunde com o maniqueísmo, temos a forma de que é possível interpretar sua realidade como um agente de transformação, o messias pedagógico, o messias historiográfico, e assim por diante. Paulo Freire apropriou-se da premissa do jovem Marx e a aplicou para sua pedagogia.

Como ele faz isso? A sala representa, primeiro, os comportamentos, a materialização das desigualdades. Na escola pública, as contradições econômicas ficam ainda mais agressivas do que em uma escola particular. É comum que o aluno de escola pública, quando contemplado com um presente diferenciado como um videogame, apresente um comportamento similar ao do Quico do Chaves. A partir desse comportamento em que a economia e os comportamentos estão presentes na própria realidade de sala, consegue-se entrar na origem, nas crianças, nos alunos. E estes alunos, simbolizados na origem, chegam nas famílias. O agente social deixa de ser o teórico e passa a ser o aluno. Em outras palavras: houve um recorte intelectual do jovem Marx, da alienação como algo determinante para o desenvolvimento do homem. Conseqüentemente, ao aplicar essa concepção no espaço de sala de aula, consegue-se encontrar as presenças, as mais variadas contrariedades, e dentro dessas presenças, explicar a ordem desigual e, com essa explicação, resolver o problema das contradições a partir dos alunos.

Nas palavras de Paulo Freire, em “Pedagogia da Autonomia”, p. 103: “Não podem nem devem omitir-se mas precisam saber e assumir que o futuro é de seus filhos e não seu. É preferível, para mim, reforçar o direito que tem a liberdade de decidir, mesmo correndo risco de não acertar, a seguir a decisão dos pais. É decidindo que se aprende a decidir. A posição da mãe ou do pai... assessor ou assessora do filho ou da filha, jamais tenta impor sua vontade ou se abespinha porque seu ponto de vista não foi aceito.”. O pai e a mãe passam a exercer a função de assessor e assessora, e o aluno tem a obrigação de, indiretamente, levar para sua família a resolução do que é prévio à própria natureza do homem.

Darei um exemplo agressivo, mas contemporâneo. O ano é 2019. O aluno, que nasceu Pablo, definiu-se como a Pablo. Esse aluno “chega” no menino de que gosta. Este, heterossexual, de maneira respeitosa, explica que não tem interesse. A Pablo se dirige à professora e o acusa de ser homofóbico, porque não quis relacionar-se com ele. Na teoria de Paulo Freire, isso se explica exatamente nesse processo. Aquele que tem o hospedeiro burguês perde a autonomia de exercer aquilo que é tido como comportamento burguês, tais como a heterossexualidade, querer ter esposa e filhos, o cultivo da música clássica.

Ressalto que o interesse de Paulo Freire não era necessariamente o combate ao racismo, à homofobia, ou a qualquer uma dessas pautas. O interesse dele era o instrumento, o fato de que esses homens possuem a capacidade de exemplificar a contradição e as reações que temos a estas.

A questão do aluno negro. Sempre defendi a tese de que o Brasil tem uma presença agressiva de racismo. No entanto, isso não me fazer ser um homem que endossa os discursos contemporâneos sobre esse tema. Sendo o Brasil um país com presença marcante de racismo, ainda que isso não o faz um país necessariamente racista, temos o instrumento que tantas vezes vemos nos nossos dias, o negro como a massa de manobra para servir para o discurso que, na verdade, é preambular a própria ideia de querer falar sobre racismo.

O Thomas, por outro lado, entende o racismo e qualquer outro tipo de prática criminosa como roubo, furto, assassinato, como muito mais entranhado com a natureza, com aquele mal inescapável e na forma como dialogamos com ele, do que necessariamente como explicação em que a própria realidade impõe tudo. Essa linha da história é chamada Filosofia da História ou Teologia da História. Ela dialoga com o homem, sempre, a partir do entendimento de que é um agente histórico de uma maneira metafísica. Não se nasce na realidade de maneira absurda e a partir da realidade dialogo com ela. Façamos uma comparação entre Joaquim Nabuco e Sartre. Enquanto Sartre entendeu o instante como algo perturbador, o fato de entender-se homem e estar vivo em uma realidade que não consegue explicar, Nabuco entendeu o instante como um momento de redenção.

Retomando Paulo Freire e essas contrariedades. Hoje, existe uma reinterpretção de seus pensamentos. Assim como Marx, Paulo Freire também é inaplicável. Quando se afirma que Marx nunca foi aplicado, historicamente, isso é verdadeiro. O que não se entende é que tentaram aplicar Marx. Mas é impossível.

Nunca vai ser aplicado. Mas não significa que não tenham tentado. Paulo Freire, igualmente, é inaplicável, mas não significa que não tenham tentado.

Pergunta: para Paulo Freire, ideologicamente, não teria problema figurarmos nas piores posições nos rankings de educação no mundo, porque o projeto pedagógico que ele oferece não pretende aumentar a eficiência de um sistema educacional estabelecido mas sim a troca de objetivo do sistema educacional, usá-lo como uma ferramenta para germinar uma desestabilização do sistema vigente?

Pode-se dizer isso, mas é o mesmo sentido que a desigualdade e a pobreza para Marx. A desigualdade e a pobreza serviram de matéria-prima para o seu pensamento. Até a década de 1960, pouco mais de 60% da população brasileira era de analfabetos. Sem essa matéria-prima, essa desigualdade característica que o Brasil tem na ordem do saber, Paulo Freire teria sido inócuo. Ele depende dessa matéria-prima. No entanto, não podemos afirmar que ele tinha a intencionalidade de produzir analfabetos, somente podemos asseverar que a alfabetização de Paulo Freire tinha a intencionalidade de produzir militantes, desalienados.

### **Quem é o hospedeiro?**

Um conceito caro a Marx e a Paulo Freire é a linha do hospedeiro. Caso ainda não tenham, recomendo a leitura de “A Peste” do Albert Camus. Existe o bacilo da peste, o mal, algo inescapável para Camus, assim como para Santo Agostinho. Para Marx e para Paulo Freire, a peste, o hospedeiro, explica-se a partir da ordem de produção, a partir dos conceitos alienantes de burguesia.

Machado de Assis, por exemplo. Menino negro, saiu do morro do livramento, órfão de mãe e torna-se, pelas suas próprias pernas, Machado de Assis. Ele se tornou Machado de Assis, tradutor de Victor Hugo, por que quis ou por que tinha sede de ser da burguesia por causa do hospedeiro? Para Paulo Freire, a explicação é o hospedeiro. Para Thomas, a força impressionante da personalidade humana. O ser humano consegue dividir-se em Paulo Freire e Machado de Assis; em Santa Teresa D’Ávila e em Fernandinho Beira Mar. Esse é o homem. Deus foi criativo, sem dúvida.

Citei “A Peste” de Albert Camus e Sarte, porque Paulo Freire viveu o século 20, em que correntes históricas e filosóficas fizeram parte, de uma maneira acentuada, dos debates públicos do período. Pensemos na França de maio de 68. O símbolo de maio de 68, do ponto de vista intelectual, era o próprio Sartre. Sartre esteve no Brasil, visitou várias cidades, jantou no restaurante “Leite”, o mais antigo

do país, localizado em Pernambuco, Recife. O existencialismo explica, basicamente, as contrariedades do homem ou pelo absurdo ou por um neomarxismo. Paulo Freire utilizou um pouco desse referencial e também um pouco do Concílio Vaticano II e do fato histórico que é o Brasil. Dentro desse amálgama, com alusões ao jovem Marx, há Paulo Freire.

Paulo Freire não leu pouco, não era burro, não era ingênuo. Mais do que isso: não era desonesto. Um homem que pregou o genocídio abertamente pode ser acusado de tudo, mas não de desonesto. É preciso criticar o que ele escreveu. Paulo Freire chamou Che Guevara de sinônimo de amor. Não é preciso interpretar isso. Pensemos em quão forte é a ideia de amor. Paulo Freire também foi definido, em vários momentos, como sinônimo de amor. Segundo São João, Deus é o amor. Ou seja, ser chamado de sinônimo de amor é ser chamado de sinônimo de Deus. Não refletimos, muitas vezes, mas dizer que amamos alguém é algo muito forte e intenso. Assim como chamar de amigo. Paulo Freire, por exemplo, definiu Che Guevara com uma imensa capacidade de amar. Ele não foi desonesto. Por isso, durante essa exposição, pouco abordarei essas questões. Estão nos livros, aos montes. “Pedagogia do Oprimido”, você pega o livro, torce-o e sai sangue. Portanto, não vou ficar repetindo esses mesmos fatos. Meu objetivo é que vocês compreendam o desenvolvimento intelectual de Paulo Freire.

### **Freire, mais do que um marxista**

Pergunta: até que ponto esse projeto pedagógico dele é fiel ao marxismo? Vemos que o próprio Marx não acreditava nesse tipo de proposta de socialismo e revolução a partir da educação das crianças. Parece algo mais associado àqueles socialistas anteriores, que o próprio Marx caracterizou como utópicos. Sabemos que a inspiração direta dele está em Marx, mas até que ponto isso não é uma corrupção do marxismo, talvez, análogo aquilo que chamam, frequentemente, de marxismo cultural, que é a inversão entre a superestrutura e a infraestrutura da sociedade?

Em suma, você quer saber até que ponto Paulo Freire foi e até que ponto não foi marxista. Eu comecei a exemplificar esse amálgama do seu pensamento porque ele não pode ser caracterizado como marxista *stricto sensu*, não podemos defini-lo assim. Nem Foucault, nem Sartre, podemos definir assim. São homens que leram outros teóricos, que dialogaram com outras épocas. Porém, conceitos do jovem Marx permanecem em seu pensamento. Até sua morte no século 19, Marx compreendeu a

alienação como algo presente na ordem produtiva do homem. No entanto, Marx não conseguiu entender as dinâmicas dos séculos 20 e 21. É preciso atualizá-lo.

Pierre Bourdieu, por exemplo, explica a alienação do homem a partir do McDonalds, o símbolo. Faço o adendo que um dos melhores críticos para refutar o sistema de cotas brasileiro é Pierre Bourdieu. No século 20, os Estados Unidos assumiram protagonismo de maneira decisiva na história humana. Nos Estados Unidos, há uma história que envolve negros e brancos. A explicação norte-americana é a que, hoje, no Brasil, norteia muitas exposições sobre o sistema escravista brasileiro. Ignora-se que na história brasileira houve figuras como André Rebouças, apenas para ficar em um exemplo mais conhecido. Salienta-se que tivemos escravidão e se ignora a presença do mulato. Para falar sobre escravidão no Brasil, Pierre Bourdieu citou Gilberto Freyre e afirmou que, diferentemente dos Estados Unidos, no Brasil, há a presença do mulato. Ou seja, não é possível entender a dinâmica de escravidão no Brasil a partir dos Estados Unidos, pois isso é seguir a McDonaldização histórica. O Brasil apresenta uma dinâmica própria na relação com os negros.

Respondendo, Paulo Freire não serve como alguém que seguiu somente o marxismo. Ele foi mais do que isso. Leu outros autores como Emmanuel Mounier, Sartre e na Ação Católica, movimento histórico brasileiro o qual abordaremos adiante. Ele “bebeu” de outras vertentes. E, dentro dessas veredas, produziu um pensamento que, em muitos recortes, foi original. Utilizou paráfrases, continuações, esse processo existente. O pensamento original não surge do nada. E não estou defendendo-o. Estou explicando que o pensamento dele é maior do que um plágio, como por vezes afirmam. “Pedagogia da Autonomia” que, sob o ponto de vista intelectual, é a sua obra mais robusta, não é a mesma coisa que “Pedagogia do Oprimido”. Esta última é a obra mais revolucionária, enquanto “Pedagogia da Autonomia” é uma obra intelectual. Mas ambas pregam a revolução: a “Pedagogia da Autonomia” é a teoria da revolução e “Pedagogia do Oprimido” é a práxis. Há uma diferença. A “Pedagogia do Oprimido” afirma que a revolução tem a capacidade de gerar vidas. Em “Pedagogia da Autonomia”, Freire explica por que a revolução tem a capacidade de gerar vidas.

## **Aspectos biográficos - e sua metodologia**

Ao mesmo tempo que precisamos entender Paulo Freire como um amálgama intelectual, precisamos compreendê-lo enquanto homem histórico. Entender, biograficamente, como se constituiu e passou a ser protagonista de nossa história. Mencionei que Paulo Freire nasceu pobre, no nordeste, mais precisamente, em Pernambuco. Neste ambiente de pobreza, iniciou seu processo de alfabetização tardiamente. Paulo Freire estudou em uma escola em que sua segunda mulher era filha do diretor, o qual lhe concedeu uma bolsa. Isso significa que o processo de alfabetização e de desenvolvimento profissional de Paulo Freire deu-se em um ambiente que, a longo prazo, tornou-se familiar. Isso é importante porque sua segunda esposa escreveu uma biografia<sup>2</sup> acerca dele, em que volta a respaldar a defesa intelectual de Paulo Freire ao genocídio. Paulo Freire, portanto, advém desse contexto nordestino.

Pensemos objetivamente na história brasileira. Ainda que defasada historicamente, utilizaremos como símbolo, para fins didáticos, a explicação dos chamados ciclos produtivos. O Ciclo do Ouro desenvolveu determinada região. O Ciclo do Açúcar, outra. O do Café, ainda outra. Quando Paulo Freire nasceu, não era o melhor momento histórico e econômico do nordeste em nossa história. O país tem problemas e essa região estava sentindo o impacto deste de maneira mais acentuada. Ao deixar esse espaço, iniciar sua auto alfabetização e o seu trabalho dentro das faculdades de direito e letras, ocorreu a sua decisiva experiência em Angicos, no Rio Grande do Norte. Paulo Freire desenvolveu a alfabetização de adultos, a qual ficou célebre porque alfabetizou, no entendimento do que era alfabetização para aqueles que a entenderam assim, adultos em quarenta dias. O resultado é verdadeiro. Em quarenta dias, aqueles homens conseguiram ler e escrever. Façamos justiça: Paulo Freire nunca disse que alfabetizaria ninguém em quarenta dias. Esse título marqueteiro foi dado como forma de demonstrar o quanto ele era bom. Ele não pregava, no entanto, que alfabetizaria qualquer pessoa em quarenta dias. Entretanto, desenvolveu, sim, um método que foi capaz de ensinar silabicamente estes homens a ler e escrever.

---

<sup>2</sup> Recomendo a leitura de um ensaio que escrevi acerca desse estudo chamado "Paulo Freire: Antônimo de amor". Disponível em: <https://historiaexpressa.com.br/paulo-freire-antonimo-de-amor/>

Essa experiência foi recebida de maneira tão expressiva que chamou atenção de homens como João Goulart e Darcy Ribeiro<sup>3</sup>. João Goulart, Presidente deposto em 1964, havia sido Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas. Darcy Ribeiro, por sua vez, estava responsável por organizar a educação no governo de Goulart e tinha uma ligação efetiva com Brizola, que era cunhado deste. Assim Paulo Freire deixa o nordeste e passa a ser um homem que interpreta o processo de educação de um país que tinha, e ainda tem, um déficit em matéria de assimilação educacional. Como funcionava o método de ensino de Paulo Freire? Ou seja, como ele ensinava as pessoas a lerem, de fato?

Eu não sei como você foi alfabetizado, mas, suponho, todos fomos incorporados ao meio das letras a partir do método silábico. Muitas professoras utilizam “as famílias” para fazer isso, como, por exemplo, a família do “F”: fa, fe, fi, fo, fu. Cada uma dessas sílabas correspondia a uma palavra, a fim de que o aluno obtivesse familiaridade com as sílabas. Paulo Freire fez exatamente isso. Frequentemente, as pessoas aprendem a ler e a escrever a partir de um método neofreireano. É preciso deixar claro que Paulo Freire não inventou o método silábico. Ele apenas apropriou-se deste e concedeu-lhe uma nova interpretação, uma nova visão.

Vamos usar um exemplo para tornar mais claro como seu método funcionava. Digamos que, nas experiências de Angicos, no Rio Grande do Norte, mencionada anteriormente, os alunos em questão fossem pedreiros. Por serem pedreiros, eles trabalham com tijolos. O professor divide silabicamente a palavra tijolos (ti-jo-los). Depois, suprime uma das sílabas como, por exemplo, o ti. Os alunos são então questionados se está faltando algo na palavra. Ensina-se, portanto, a partir da exclusão e da inclusão de sílabas as chamadas palavras geradoras. As palavras geradoras correspondem, sempre, à realidade do alfabetizando. A escolha das palavras geradoras baseia-se na realidade. Esse método, dentro desse simplismo, aplicado em quarenta dias em Angicos, deu a chamada originalidade de Freire, a qual, como dito, alcançou Darcy Ribeiro e João Goulart. Com isso, em 1964, Paulo Freire não era mais o nordestino pobre, que vinha de uma base de um país com problemas

---

<sup>3</sup>Assistam à minha aula no Youtube chamada “As balelas de Darcy Ribeiro”. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=1Sd1JcWrjkg>



estruturais. Freire já era protagonista de um método de alfabetização que tinha um fim e esse fim era retirar o hospedeiro.

Como complemento, gostaria de mencionar que Lênin, Stálin e Mao Tsé-Tung também pensaram o marxismo, não foram simplesmente ditadores.

Em 1789, com a Revolução Francesa, houve a ascensão de uma classe. Marx interpretou o processo de relações entre as classes do século 19 a partir dessa ascensão pós-Revolução Francesa. Lênin, Stalin e Mao Tsé-Tung, durante o século 20, utilizando a base do final do século 19 como objeto histórico, interpretaram, a partir de suas realidades, a aplicabilidade de um marxismo às suas maneiras. Foram, de fato, marxistas. Qual o protagonismo intelectual que diferencia Lênin de Stalin? Lênin compreendeu que, para resolver as contradições, era preciso fortalecer o partido. Stalin apossou-se da estrutura pensada e organizada por Lênin e aplicou-a na realidade, perseguindo, porém, também os hospedeiros que estavam no partido, vide Trótski. Deste modo, só existe Stalin por causa de Lênin. Stalin ampliou a ideia do partido e do hospedeiro dentro das mais variadas realidades. Se, para Marx, o proletariado iria desempenhar o papel de equacionar o homem, para Lênin, este papel não caberia ao proletário, mas sim ao partido. Para Stalin, o partido ainda possuía a prerrogativa de organizar o próprio partido. Para Mao Tsé-Tung, por outro lado, esse papel seria aplicado no desenvolvimento histórico a partir da Revolução Rural. Mao Tsé-Tung era um pedagogo e sua ascensão política, de homem que sai de Hunan e toma a China, é uma ascensão de um movimento que vem de bases rurais.

A guerrilha do Araguaia, fato histórico brasileiro, era explicada pelo entendimento do PCdoB, partido existente até hoje (o que é um absurdo), de um maoísmo, uma ascensão que vem do campo até chegar no centro. O PCdoB é um partido maoísta, dissidência do PCB, partido que seguia outro princípio. O genocídio produzido pelo maoísmo chocava inclusive os comunistas. Porém, a revolução cultural de Mao Tsé-Tung foi definida por Paulo Freire como método salutar de pedagogia. O caso brasileiro, assim como o caso chinês, em menor escala, evidentemente, haja vista a diferença expressiva de contingente populacional, parte da compreensão de que, no campo, é possível agregar pessoas. Uma das explicações para que, no final da década de 1970, no governo Geisel, e início da década de 1980, com o governo Figueiredo, o Brasil tenha apresentado uma inflação tão agressiva, é o fato de sua rápida e intensa transformação de rural em urbano. Isso significa que, nas décadas de 1950, 1960, 1970, houve a decadência do campo. Por

isso, na China e no Brasil, havia a crença, em diferentes escalas, com circunstâncias históricas diferentes, de que ao instruir uma camada que estava sentindo, na sua própria realidade, a defasagem de seu próprio tempo, conseguiria-se exercer a aplicação histórica. Ainda que as pedagogias tenham similaridade, não podemos utilizar o Vietnã como exemplo, porque dialoga com outra grandeza. Há uma distância agressiva, populacionalmente falando, em relação à China e ao Brasil.

O episódio da Coluna Prestes. Luís Carlos Prestes, acompanhado de homens do exército brasileiro, parte de Santo Ângelo e avança rumo ao Brasil profundo, com o objetivo de disseminar a conscientização social. Essa conscientização social era uma conscientização revolucionária e buscava adesão ao papel revolucionário dos homens que tinham rompido com os seus respectivos hospedeiros. A Coluna Prestes, que ocorreu em período anterior a 1964, é preâmbulo histórico que serviu como símbolo para novas tentativas ao longo das décadas de 1960 e 1970, e no início da década de 1970.

Quero retomar uma questão que acho importante, algo que define Marx. Raymond Aron apresenta Marx como um homem que quis, ao longo de sua vida intelectual, escrever apenas um livro. Marx desejava, desde sempre, escrever apenas "O Capital". De maneira preambular, empurrado pelas mais variadas circunstâncias, produziu textos efêmeros, mas seu objetivo não era produzir o efêmero, pois queria dialogar em outra escala. Portanto, sua intencionalidade intelectual, segundo Raymond Aron, era fazer somente "O Capital". O jovem Marx foi uma circunstância temporal do próprio Marx. A divisão entre o jovem Marx e o Marx de "O Capital" tem como grande objeto o conceito da mais-valia, que não é simples. A mais-valia, dentro de sua resolução, é um sinônimo de alienação. Como ensinava Cecília Meireles, nossa poetisa, não existem sinônimos, cada palavra tem significado próprio. Ou seja, quando digo sinônimo, estou dizendo que significavam a mesma coisa. Temos, então, essa transformação do jovem Marx no Marx de "O Capital", e é preciso saber que é o jovem Marx que serve para inspirar os neomarxistas mais conhecidos, dentre os quais, Paulo Freire.

Retomemos a biografia de Paulo Freire. Havíamos parado em 1964. Dentro desse fato histórico, citei o chamado existencialismo e uma base neoconciliar, o Concílio do Vaticano II. Infelizmente, não será possível aprofundar esses dois fatos, que são importantes no todo. Nem sobre o próprio Marx será possível falar tudo quanto desejo. Mas, no que concerne ao existencialismo, cabe o adendo de que não

existe singularidade no termo, são existencialismo. Nem todos os existencialistas defendem as mesmas teorias. Porém, o Concílio Vaticano II e o existencialismo que se explica, objetivamente, pelo absurdo ou por um materialismo histórico, que fundamenta o mesmo absurdo, fizeram parte do processo de amálgama intelectual que formou Paulo Freire. Este não era um marxista puro e simples.

### **Como chegamos até aqui?**

Em 1964, Paulo Freire é exilado e deixa o Brasil. Ao lado de Brizola, Paulo Freire fez parte dos últimos brasileiros que tiveram liberdade de voltar ao país. De maneira assertiva, os militares entenderam que Paulo Freire não era uma marionete. Porém, os mesmos militares, em 1967, iniciaram o processo de fortalecimento do Mobral<sup>4</sup>. Por consequência, fundamentaram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a qual já existia no período Vargas, fortalecendo o Ministério da Educação, baseado, segundo Gustavo Capanema, na ideia de fabricar um homem novo. Ou seja, os militares fortaleceram o papel do Estado a partir de um método que, silabicamente, tem familiaridade com o de Paulo Freire. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação data de Vargas. Marx diz que tem um espectro que ronda a história. No Brasil, o espectro é Vargas.

Como explicar a presença de Paulo Freire na história brasileira? A partir das instituições preambulares a este, principalmente, o Ministério da Educação<sup>5</sup>. As datas de 1930, 1937 e 1954 são emblemáticas na vida de Vargas, e, necessariamente, na vida do Brasil. O Brasil, em 1930, segundo certa visão, era um país com problemas na ordem democrática. O Império, até a Lei Saraiva, da década de 1880, era inclusivo na forma eleitoral. A partir da Lei Saraiva, ou seja, do final do Império, estabeleceu-se uma realidade eleitoral que era antipática à ideia de inclusão. Com isso, a função eleitoral foi transformada no século 19. Devido ao final do período monárquico, não foi possível identificar, em longo prazo, os efeitos desse processo de transformação. A participação política, no que tange ao contingente eleitoral, era mais intensa no Segundo Reinado, no século 19.

---

<sup>4</sup>Mobral, Movimento Brasileiro de Alfabetização, foi um órgão brasileiro instituído no governo Médici.

<sup>5</sup>Recomendo fortemente que todos assistam ao documentário "Imagens do Estado Novo - 1937 a 1945". É um material muito bem feito em que, quem fala, além do narrador, são basicamente os próprios agentes do tempo. Enfim, é o processo histórico daqueles homens com as fontes audiovisuais possível nesse contexto de vinte anos.

Vargas detectou essa demanda e, de uma maneira eleitoreira, estabeleceu o Estado Novo sempre com o discurso de uma democracia que viria, mas que era preciso resolver um problema naquele momento. Em 1964, os militares também assumiram o poder para resolver um problema, mas permaneceram no comando do país até 1980. Todo mundo quer resolver os problemas, mas todo mundo sentou no poder e gostou. Nesse período, com a participação de uma série de instituições, incluindo o próprio exército, temos essa configuração, e o Ministério da Educação foi criado exatamente nesta etapa, sendo intelectualmente pensado, de acordo com Gustavo Capanema, que o capitaneava, com a ideia de formar um homem.

Mas, reflitamos: o papel da escola é formar um homem? Que homem a ser formado? Existindo a tutela do Estado, o homem a ser formado pela escola é o homem do Estado. As pessoas sentem certo saudosismo dessa época porque, de fato, no que diz respeito ao ambiente escolar, era melhor do que temos hoje. Mas, havia questões bem tênues que fundamentaram, dentre outros aspectos, o caos que vivemos hoje. Aquilo foi o preâmbulo.

Os processos históricos não acontecem repentinamente. A história é formada por um conjunto de somas até chegar no problema decisivo.

Isso significa que, para existir Paulo Freire como Patrono da Educação brasileira em 2012, antes, surgiu o Ministério da Educação, houve o processo de Vargas no poder.

Retornemos à década de 1960 novamente, mais especificamente, a 1967, um ano importante, pois teve início o fortalecimento do Mobral e etc.. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que nasceu com Vargas, foi ampliada no Regime Militar. Ela expandiu-se, pois deixou de ser reservada às escolas e passou a exercer, também, uma tutela universitária. Naquele momento, a universidade era algo ainda mais restrita do que é hoje. Na sua época, essa medida parecia inofensiva. Porém, para existir a tal doutrinação, tema que questiono, mas que não inválido, precisamos de fatos históricos para explicar esses processos. E um desses fatos é a Lei de Diretrizes de Bases da Educação e essa ampliação histórica.

Durante o tempo que esteve exilado do país, Paulo Freire vivenciou dois fatos decisivos, para sua biografia, em seus trânsitos geográficos. Primeiro, Paulo Freire trabalhou para o Conselho Municipal de Igrejas. Depois, trabalhou para a UNESCO. Com isso, Paulo Freire se tornou cada vez mais global, popular, universal, teve o pensamento expandido, dialogou com correntes que, em seu tempo, eram moda.

Perambulou em países como Chile, Estados Unidos, França. Dentro desse processo histórico, Paulo Freire não viveu um exílio agressivo como de Ferreira Gullar. Enquanto o “Poema Sujo” deste, foi apresentado em uma fita, Paulo Freire era lido, publicado, concedia palestras em universidade. Estava aplicando, intelectualmente, os seus princípios da teologia da libertação. Há outros fatos importantes para que entendamos esse conceito e esse contexto de Paulo Freire.

Algumas instituições se transformaram nessa época, como, por exemplo, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 1964, a CNBB apoiou o período militar. Durante a década de 1970, entretanto, foi uma das protagonistas na defesa do divórcio, prática não aceita pela Igreja Católica. Percebiam a transformação dessa instituição, em que os bispos estavam pregando a favor do divórcio. Não entrarei nos elementos de terem fundado o Partido dos Trabalhadores (PT). Lincoln Secco, talvez o melhor biógrafo sobre a história do PT, define a CNBB é a mãe do PT.

Portanto, há uma transformação histórica no país. E essa transformação histórica é acompanhada de outros dados que são importantes. De acordo com os índices do IBGE, a sociedade brasileira, do final da década de 1970 ao final da década de 1980, era formada por jovens. Isso é muito forte: o fato de uma sociedade ser formada predominantemente por jovens em décadas decisivas para sua própria história, tal como foi esse período de redemocratização para o Brasil. Chegamos, assim, a uma geração que aderiu a todo tipo de situação efêmera. Serviram, muitas vezes, como massa. O movimento das Diretas Já e dos Caras Pintadas, são esse processo. E, para explicar isso, cabe aquele conceito utilizado de maneira constante pelas esquerdas, mas que é muito bom: o conceito de sociedade do espetáculo. Mário Vargas Llosa tem um livro muito bom sobre esse tema que recebeu justamente o título “A sociedade do espetáculo”. Em suma, é aquele processo de que determinado comportamento passa a constituir uma ordem e todos precisam aderi-lo. Por exemplo: quando o Museu Nacional pegou fogo, todos sentiram a necessidade de escrever algo acerca do acontecimento. E, naquele contexto, em uma época em que não havia internet, o comportamento, muitas vezes, dava-se de uma maneira mais presencial, nesta sede de participar das coisas de país. O fato histórico Rock in Rio de 1985, um show daquela estatura dentro do recorte Rock, aconteceu no Brasil, um país de terceiro mundo, porque era viável, porque a sociedade era jovem e afim àquele comportamento.

O PT, constituído decisivamente como partido em 1979, apresenta, entre seus fundadores, Paulo Freire. Paulo Freire não foi um homem, como Elis Regina foi, que assinou aquilo. Elis Regina não pode ser acusada de petismo. Pode ser considerada alienada, boçal, mas não petista. Paulo Freire, por outro lado, era petista. Paulo Freire pensou o PT em tal nível que, segundo Lula, caso tivesse vencido Collor em 1989, o Ministro da Educação brasileira teria sido Paulo Freire.

Deste modo, a presença de Paulo Freire no processo brasileiro não se restringe a 2012, com sua ascensão a Patrono da Educação brasileira. Paulo Freire fez parte de um processo histórico e intelectual que dialoga com o nosso contemporâneo, com o nosso efêmero, até os dias de hoje.

Um detalhe importante. Paulo Freire foi Secretário de Educação de Luiza Erundina. Idoso, cansado, resolveu deixar o cargo. Em seu lugar, assumiu Mário Sérgio Cortella, discípulo direto e dileto de Paulo Freire. Ou seja, estamos abordando algo efêmero.

Retomando o sentido do hospedeiro. Marx escreveu: “Sobre que fundamento repousa a família burguesa de nossa época? [...] Sobre o capital, sobre o ganho individual. A família, na sua plenitude, só existe para burguesia, mas encontra seu complemento na supressão forçada da família para o proletário e na prostituição pública. A família burguesa desvanece-se, naturalmente, com o desvanecer de seu complemento necessário, e uma e outra desaparecerão com o desaparecimento do capital. As declarações burguesas sobre a família e a educação, sobre os doces laços que unem a criança aos pais tornam-se cada vez mais repugnantes, à medida que a grande indústria destrói todo laço de família para o proletário e transforma as crianças em simples objeto de comércio, em simples instrumentos de trabalho.”. Paulo Freire, por sua vez, em “Pedagogia do Oprimido”: “quanto mais podia ouvir Beethoven, qualquer restrição a tudo isto, em nome do direito de todos, lhes parece uma profunda violência ao seu direito de pessoa. Direito de pessoa que, na sua situação interior, não respeitavam nos milhões de pessoas que sofriam e morriam de fome, de dor, de tristeza, de desesperança.”.

Marx teorizou acerca da família burguesa, sobre a alienação dessa família, e sobre a forma como a burguesia torna-se, não substantivo, mas adjetivo. Paulo Freire, por outro lado, analisará as famílias a partir desse conceito de alienação, retirando aquilo que não faz parte da realidade social, pois o que interessa é a realidade social, a qual fundamentará as palavras geradoras.

As palavras geradoras, dentro desse processo, aplicam-se a partir do aluno que deve portar uma verdade que seus pais não acessaram, pois estão alienados, e, a partir desse processo, o aluno deve chegar aos seus espaços e resolver a contradição inescapável dos homens, que é a presença objetivamente do mal.

Se existe fim revolucionário, de atuação histórica, temos, exatamente neste cerne, a práxis freireana e, por isto, ele é um neomarxista, porque há uma simetria, ao seu pensamento, às definições do jovem Marx. Isso não significa, necessariamente, que Paulo Freire tenha sido um materialista histórico puro e simples. Ademais, é importante fixarmos que sua volta ao Brasil foi apoteótica. Ao chegar no Aeroporto de Viracopos, em Campinas, houve uma catarse, e Fernando Henrique Cardoso estava lá para recebê-lo. No governo de Fernando Henrique Cardoso, inclusive, tivemos um preâmbulo daquilo que hoje chamamos de doutrinação. Por quê?

É fundamental que discutamos os problemas contemporâneos de uma maneira histórica. No período militar, o aparelho Ministério da Educação estava fortalecido. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, reinterpretou-se a LDB. A LDB é uma tutela, um padrão, uma forma. A partir de FHC, há meios de uma aplicabilidade mais humanizada, na visão freireana, dessa LDB. Entre exemplos importantes, há os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que correspondem às disciplinas. Os PCNs servem para que o professor não tenha mais que ensinar somente o conteúdo, mas também a dimensão ética dos acontecimentos históricos. Por exemplo: eu, enquanto professor de história, quando ensino a Revolução Francesa, devo ensinar também ética. Para existir o tal professor de esquerda, precisamos de toda uma história, para que este possua as ferramentas do próprio Estado para produzir aquele conteúdo.

O Brasil tem uma sorte. Os nossos professores não estudam. Caso estudassem, não haveria chance. O aparelho de Estado está pronto, basta fazer. Experimentem ler os PCNs. Os verbos de Paulo Freire constam no documento. Temos um contingente significativo de professores que leem apenas um livro por ano, o qual, normalmente, orbita na área de autoajuda ou religião, os quais não servem para dar aula.

Os PCNs, muito mais do que a LDB, resumem a presença pedagógica de Paulo Freire nos nossos espaços tradicionais. Para existir o 2012, Patrono da Educação brasileira, é preciso o símbolo Paulo Freire, esse símbolo, essa imagem

criada, por padres, pedagogas, etc., de um homem que foi sinônimo, quase, de São Francisco de Assis. Figura doce, afável, com voz mansa. Assistam à entrevista de Paulo Freire para o Serginho Groisman. Programa Livre. Ele está conversando e fala que acredita no socialismo.

Paulo Freire defendeu o genocídio na década de 1960 e nunca se retratou. Gabeira e Ferreira Gullar tiveram a hombridade intelectual de assumir que defendiam a revolução, a ditadura do proletariado, e de que estavam equivocados. Ferreira Gullar foi crítico à esquerda nos mais variados campos, a começar pela arte. Paulo Freire, que morreu em 1997, tendo assistido à barbárie chinesa, dos diversos comunistas, dos cubanos, jamais se retratou.

Escuto uma pergunta e uma afirmação com muita frequência. Primeiro, quem deveria entrar no lugar de Paulo Freire como Patrono. A minha resposta é que ninguém deve entrar no seu lugar. O Brasil é um país maravilhoso, formado por grandes homens das mais variadas áreas. Não precisamos singularizar. Nós somos uma terra rica. Eu defendo, e sempre vou defender, que o Brasil, dada sua riqueza humana, não pode ser singularizado a partir de um patrono. Em outras vezes, escuto que é justo que Paulo Freire seja nosso Patrono, dado nosso país. O Brasil não nasceu em 2018, nem na década de 1960. Nós temos uma história. Nós dialogamos com cinco séculos. Paulo Freire, como Patrono, pode ser coerente com nosso 2018, mas não é coerente com o nosso legado humano.

Em curto prazo, é muito difícil que Paulo Freire deixe de ser Patrono da Educação brasileira. Meu livro nasceu justamente por entender que o debate, dentro dos contemporâneos, desde as décadas de 1990, não analisava Paulo Freire de uma maneira mais detalhada, dentro de seus escritos. Pois, para mim, não adianta criticá-lo porque era do PT, porque era de esquerda. Isso é muito pouco.

Quero deixar, como mensagem final, que toda vez que você for estudar, analise os fatos de uma maneira honesta. Paul Johnson definia Marx como um homem que trabalhava intelectualmente selecionando fontes.

Nosso problema é bem sério. Paulo Freire não apareceu repentina e aleatoriamente na história brasileira. Nós estamos versando sobre uma história que está, essencialmente, no nosso efêmero. Para compreender bem essa sociologia pedagógica de Paulo Freire, é preciso ter um conhecimento prévio aos seus livros acerca do marxismo e da realidade histórica brasileira. É importante contextualizar que Caio Prado Jr., pai do materialismo histórico no Brasil, em nenhum momento invalidou



o valor da mestiçagem. Ou seja, Paulo Freire sequer seguiu a regra dos marxistas brasileiros. Paulo Freire, sob o ponto de vista historiográfico, produziu algo que basicamente toca no senso comum.

Último recado: assistam aos episódios 3 e 4 do Congresso Brasil Paralelo, os quais abarcam o contexto histórico de muitos aspectos que foram expostos nessa aula.

## **PERGUNTAS**

- 1) Li que existe uma diferença entre doutrinação e socioconstrutivismo. Socioconstrutivismo é um conceito preambular a Paulo Freire, no qual, em partes, referenciou-se. Vygotsky e Piaget foram intelectuais que serviram a Paulo Freire em determinados segmentos. Paulo Freire não pode ser caracterizado como um socioconstrutivista na essência. Ele é um sócio construtivista, digamos, à brasileira. No que envolve a doutrinação e socioconstrutivismo. Socioconstrutivismo é um conceito, principalmente nas linhas de Piaget e Vygotsky, que tem todos os caminhos para a alienação do homem, pura e simples, na definição que acredito de alienação. São linhas que não acredito. Porém, intelectualmente, são mais complexas que Paulo Freire. Apresentam uma filosofia da pedagogia, coisa que Paulo Freire não apresentou. Paulo Freire tem uma obra muito mais sociológica do que pedagógica. No que envolve a doutrinação contemporânea e a doutrinação histórica, o que acontece: no Brasil, nós temos um aparelho de Estado que tem quase um século que tem todas as ferramentas para implementar, e muitas vezes implementou, a ditadura do conhecimento. A ditadura da escola. E mais do que isso: os aparelhos não se resumem ao Ministério da Educação. Vestibular, a prova é padrão. Concursos. O conceito de funcionalismo público. No Brasil, o aparelho de Estado fomenta esse tipo de doutrinação. Temos aparelhos, como os PCNs. Só que, as cadeiras universitárias de pedagogia, boa parte delas são resumidas com dinâmicas vazias. Há uma infantilidade. Essa infantilidade exemplifica por que, no Brasil, a alienação e a doutrinação não são piores.
- 2) O que ocorre em 1968 para classificar o marxismo como neomarxismo? Neomarxismo são as interpretações e as reinterpretações do pensamento puro

de Marx. O neomarxismo não surgiu em 1968. Lênin, Stalin e Mao Tsé-Tung são, cada um à sua medida, neomarxistas. Engels, em determinado sentido, também é um neomarxista. Chama-se neomarxista pois é uma leitura em cima daquele pensamento.